

Rama de Letras

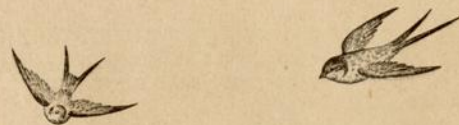
Homenagem á gentil actriz

LUZ VELLOSO



Em a noite da sua primeira festa artistica

10 de fevereiro de 1897



A' Beneficiada



LUZ VELLOSO allia á gentileza, talento e amor ao estudo. Descendente de artistas de raça, espera-a um futuro ridendo se perseverar no empenho de aureolar o seu nome, já festejado pelas nossas plateias.

10-2-97.

Jayme D'Albuquerque.

VERSOS D'UM VELHO

Vejo-te e lembas-me sempre
N'uma saudade infinita
Outra formosa avésita
Que ouvi também gorgear.
Era, como tu, esbelta,
Meigo olhar, eburneo seio,
Mas um dia a morte veio,
E ella deixou de cantar.

Que pena eu tive! Que funda
Tristeza amara no dia
Em que a terra, humida e fria,
Seu lindo corpo tragou! ...
Ha muito ja que ella dorme,
Na campa ha muito que mora,
Mas a minha alma inda chora
Os prantos que então chorou. . .

Hontem veio alguém pedir-me
Uns versos breves e finos
Como os botões purpurinos
D'alguma roseira em flôr.
Porque a festa te pertence,
Toda a louca mocidade
Suppõe que na minha idade
Inda se vibra d'amôr! ...

Para a Luz Velloso.
10-2-97.

Mas citando-se o teu nome,
Tão meigo, tão doce e terno,
Nas sombras do meu inverno
Passou do sol o clarão.
E, tangendo a velha lira,
De que tirei tantos hymnos,
Aos teus pés tão pequeninos
Quis trazer uma canção.

Afinal á tua festa
Não trago meiga surpresa
Mas trovas, cuja tristeza
Sou o primeiro a lastimar.
São assim todos os velhos!
Nos labios, riso gelado,
Saudosos do seu passado,
Choram se querem cantar!

Mas se lagrima sentida
Minha endeixa te provoca,
Quero que saibas em troca
Quanto meu coração diz:
— Ave que desprende o vôo,
Rouxinol que vai cantando,
Formosa luz, scintillando,
Que Deus te faça feliz!

Mômo.



Formosa e com talento, és comparada
A' estrella mais gracil e vespndente
Que nasce de fulgores circumdada
Para ficar brilhando eternamente.

S.

HONOR

Como a legendaria Phenix que revivia activa e poderosa nas proprias cinzas,
Luz Velloso revive hoje, magestosamente, nas palmas e hurrahs unisonos dos innumeros admiradores do seu talento inamortecivel.

Teixeira Machado.

GASTRONOMIA EROTICA

(A LUZ VELLOSO)

Quando te vejo na scena
Tão gentil e seductora,
Sinto-me logo, pequena,
Com fome devoradora!

D'esse teu collo mimoso
— Chama-me embora patife—
Tenho o desejo guloso
D'arrancar-te um meio bife!

E o teu lindo narizinho,
Cujo feitio arrebatá,
Era, n'um tal petisquinho,
Deliciosa batata!

De teus labios côr de rosa
Sugava o nectar divino;
E tua lingua appetitosa
Era entremets superfino!

De teus olhinhos tão bellos
Que sopa se não faria!
Eram teus loiros cabellos
Um pratinho d'aletria!

E no fim, por sobrezeza,
Eu comeria com gosto
E gentil delicadeza
Essas maçãs do teu rosto!

Como, porém, não me é dado
Tal bulimia apagar,
Continuarei esfaimado
Só co'a luz do teu olhar! . .

Fuas.

A' LUZ

És, Luz, a luz da minh'alma!
És, Luz, a luz dos meus olhos!
És, Luz, a luz que me acalma
E allumia entre os escolhos!

Sendo tu a minha Luz
Tanta vez a luz me négas!
Outras vezes, minha Luz,
Dás tanta luz que me cegas!

Jom-jom.



*Nem da madrugada o alvôr,
Pôdes crêr esbelta Luz;
Tem do teu olhar o brilho
Scintillante, que seduz.*

a.

À BENEFICIADA

*Contra as leis que o Cupido requer
Tenho lista d'amor's tão sizuda,
Que não ha, n'este mundo, mulher
Que apresente uma prova sequer
D'uma asneira que eu faça, grávida!*

*Mas por ti, Luz Vellozo, esgotava
N'esta noite o maior sacrificio!
Gotta a gotta, o meu sangue te dava. . .
Em teus braços morria. . . expirava. . .
E eram dois a fazer beneficio! . . .*

*Luz Vellozo, permite que eu diga
N'este verso á Gregorio de Mattos:
Eu não tenho uma chêta—que espiga!—
Mas p'ra vêr-te os refêgos da liga,
Empenhava o chapéu e os sapatos!*

*Ir ao prêgo! Que doce illusão!
P'ra tal vêr, com olhar de boi morto,
'té empenhava a camisa e o bastão
Na voraz Companhia União
Popular Penhorista do Porto! . . .*

Acacio Trigueiro.

Se no mimoso ramo que hoje vos offerecem os admiradores do vosso talento e da vossa gentileza, ha um logar para violetas,—aqui vos trago uma mão cheia d'essas modestas florinhas.

ℳ.

À Luz . . . Vellozo

*No tempo em que eu versejei,
nos meus tempos de rapaz,
todas as luzes cantei
desde a do sol á do gaz.*

*Cantei a luz do luar,
mais a luz das alvoradas,
e a luz viva do olhar
das minhas apaixonadas.*

*Hoje, que estou a ruir
já de velho e carunchoso,
lembrou-se alguém de pedir
p'ra que eu cante a luz. . . Vellozo.*

*Cantal-a? . . . já não me animo,
a fazer verso casquilho.
O mais que posso é, em prosa,
dizer-lhe que muito estimo
que tarde se apague o brilho
d'uma luz que é tão formosa.*

G. Siette.